

Jogos Olímpicos de Atlanta 1996:

*A imprensa e o 'futebol
de saias' do Brasil.*

Ana Julia Pinto Pacheco*

Carlos Fernando Ferreira da Cunha Junior**

* Mestrado em
Educação - UFF.

** Mestrado em
Educação - UERJ.

1. Introdução

O sucesso alcançado por algumas equipes desportivas femininas do Brasil nos Jogos Olímpicos de 1996 realizados em Atlanta [EUA] veio incrementar o debate acerca da participação das mulheres na prática do desporto em nosso país.

As rodas de botequim, as conversas de esquina e também a televisão e os jornais, retratavam com surpresa e satisfação os resultados alcançados por '*nossas meninas*', principalmente aqueles oriundos da equipe feminina de futebol.

O modelo desportivo nacional ainda não proporciona acesso a determinados segmentos da população, dentre os quais o das mulheres. Em um país fundado culturalmente a partir de concepções patriarcais e sexistas, não foi para menos que as medalhas e os resultados femininos conquistados chegaram com particular estranheza.

É verdade que se voltássemos a 15, 20 anos atrás, constataríamos que o quadro era ainda mais desesperador e opressor. Porém, algumas medalhas não podem mascarar a situação atual das mulheres junto ao modelo desportivo brasileiro que continua sendo marcado pela exclusão e pelo

preconceito. Além da falta de políticas públicas para o desporto voltadas realmente 'para todos/as', ainda persistem junto à sociedade brasileira idéias e manifestações conservadoras e machistas que impossibilitam ou diminuem a adesão das mulheres a inúmeras modalidades desportivas.

Sendo assim, a divisão sexual do desporto permanece presente em nossa cultura, orientando tanto homens quanto mulheres para as modalidades que um ou outro podem [devem] ou não podem [não devem] praticar.

Essas idéias são veiculadas e transmitidas cotidianamente por vários grupos e instituições, dentre os quais estão: (a) a escola, que através da educação física ainda reflete e reforça os valores da raça branca, da masculinidade, da hegemonia heterossexual, assim como promove a discriminação baseada em classe social, gênero, religião, orientação sexual e habilidade motora (LENSKYJ, 1994); (b) a família, que desde cedo *direciona* meninos para o futebol e meninas para a dança, por exemplo; (c) e a própria imprensa, objeto de investigação deste trabalho.

O presente artigo trata do futebol, desporto ainda hoje considerado por muitos/as como de exclusividade masculina. Nosso objetivo é investigar manifestações de preconceito e estereótipo¹ atribuídos à mulher atleta praticante do futebol nos jornais 'O Globo', 'O Dia' e 'Jornal do Brasil', publicados no período de 14 de julho a 10 de agosto de 1996 por ocasião dos Jogos Olímpicos de Atlanta.

2. Futebol e questões de gênero

Segundo Joan Scott (1995), a utilização da palavra *gênero* deu-se primeiramente pelas feministas norte-americanas para se referir à organização social da relação entre os sexos. O

gênero enfatiza o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo, indicando uma rejeição do determinismo biológico implícito no uso de termos como 'sexo' ou 'diferença sexual'. Contrariamente aos estudos que faziam referências particulares às mulheres, aqueles baseados no gênero, apresentam a visão de que homens e mulheres são definidos/as em termos recíprocos e não se pode compreender qualquer um dos sexos por meio de um estudo inteiramente separado. Assim, segundo a autora, o uso do termo gênero "*rejeita explicitamente explicações biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum, para diversas formas de subordinação feminina, nos fatos de que as mulheres têm a capacidade para dar à luz e de que os homens têm uma força muscular superior. Em vez disso, o termo 'gênero' torna-se uma forma de indicar 'construções culturais' - a criação inteiramente social de idéias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres*" (ibid, p.75).

Acreditamos que um dos primeiros passos na direção de uma melhor compreensão da categoria *gênero*, seja distingui-la da palavra *sexo*. Ann Oakley (apud FARIA JÚNIOR, In: ROMERO, 1995) faz uma distinção entre esses termos, referindo-se a *sexo* como a condição biológica de ser fêmea ou macho, e a *gênero* como processos sociais, culturais e psicológicos que constroem e/ou reproduzem a feminilidade e a masculinidade. Como salienta Bila Sorj (In: COSTA, BRUSCHINI, 1992), o gênero, diferentemente do sexo, é um produto social, aprendido, representado, institucionalizado e transmitido ao longo das gerações. Além disso, é uma categoria fundamental já que "*envolve a noção de que o poder é distribuído de maneira desigual entre os sexos, cabendo às mulheres uma posição subalterna na organização social*" (ibid, p.16).

Sob a ótica da categoria gênero, podemos considerar que diversas instituições sociais, entre elas a escola e a família, contribuem para a atribuição de estereótipos tanto para os

Acreditamos que um dos primeiros passos na direção de uma melhor compreensão da categoria *gênero*, seja distingui-la da palavra *sexo*.

1. Segundo Leonard (apud FARIA JÚNIOR, 1990) estes termos são entendidos como: (a) estereótipo: implica numa tendência de padronização de determinados grupos de pessoas, através da atribuição de conceitos e/ou qualidades, rotulando-os; (b) preconceito: sentimento ou atitude geralmente desfavorável em relação a uma pessoa ou grupo, a partir do estabelecimento de um conceito antecipado sem razoável fundamentação.

homens/meninos quanto para as mulheres/meninas. Assim, desde cedo, os meninos são criados para serem fortes, independentes, agressivos, competentes, competitivos e dominantes. Já as meninas, adquirem um comportamento dependente, sensível e afetuoso (ROMERO, 1992).

A própria educação física atuou neste sentido. Como salienta Faria Junior (*In: ROMERO, op. cit.*), ela começou a desenvolver-se a partir de valores burgueses do final do século passado, com ênfase na competição e em elementos da atividade física visando a construção do caráter dos meninos e rapazes. Desta forma, ela contribuiria para a reprodução de valores e atitudes necessárias aos futuros trabalhadores nas sociedades capitalistas. Por outro lado, a educação física para meninas e mulheres começou a ser construída sobre a relação saúde física e maternidade. Seu desenvolvimento visava assegurar que as mães da futura geração fossem fisicamente saudáveis para gerar trabalhadores saudáveis.

Com base nesta perspectiva, a educação física nas escolas em geral, atuou durante longo tempo por meio da diferenciação, ou seja, pela implementação de turmas de meninos x turmas de meninas; professores para meninos x professoras para meninas; além da própria diferenciação dos conteúdos programáticos. Com o advento da introdução da co-educação em muitos países, ainda no século passado, a problemática foi atenuada. Porém, ainda hoje existem escolas e educadores/as por todo o país que insistem em advogar e praticar a separação das turmas e professores/as pelo gênero, assim como estabelecem conteúdos e programas determinados pelo mesmo critério². O futebol, por exemplo, é freqüentemente oferecido aos meninos, sendo substituído, no caso das meninas, pelo queimado, a dança ou a ginástica rítmica desportiva.

Faria Junior (*In: MURAD et. al.*, 1995), ao discutir historicamente as relações de gênero e suas implicações na educação física brasileira, apresenta as restrições feitas às

mulheres, particularmente às relativas ao futebol. É importante salientar, por exemplo, que somente em 1986, reconheceu-se a necessidade de estímulo à participação das mulheres em modalidades desportivas como o futebol, futebol de salão e futebol de praia, o que estava proibido pela Deliberação 7/1965 do então Conselho Nacional de Desportos (*ibid*).

O mesmo autor (*ibid*) apresenta alguns dos argumentos que foram utilizados no sentido de justificar a proibição da prática do futebol pelas mulheres. Eles advinham de preceitos médicos, como a possibilidade de ocorrerem lesões nas glândulas mamárias e o fato de que o esforço e a tensão das competições poderiam causar danos permanentes aos órgãos reprodutores das mulheres; de ordem estética, que consideravam que os sucessivos esforços musculares poderiam dar *formas masculinas* às mulheres; e de aspectos psicológicos, já que o futebol competitivo poderia desenvolver o espírito combativo e a agressividade, qualidades incompatíveis com o *caráter feminino*.

Esses argumentos que se contrapunham à participação feminina no futebol foram construídos através de preconceitos e estereótipos, formulados com base no pensamento patriarcal, o que segundo Moema Toscano (*In: ALVAREZ, TAULOIS, 1991*), tornou esse desporto, que é "o símbolo da brasilidade [...] reservado, com exclusividade, para os homens" (p.34).

Hodiernamente, parece que esse quadro vem lentamente sendo alterado. Já é evidente o crescimento do número de meninas praticantes do futebol, seja em 'escolinhas', na educação física curricular ou mesmo nas ruas. Em 1995, por exemplo, a partir de uma pesquisa realizada no Colégio Pedro II que discutia as preferências de meninos e meninas em relação a jogos e brincadeiras, foi constatado que o futebol aparecia em quinto lugar na preferência das meninas, o que pode indicar alterações positivas na sua participação em atividades de jogos, brincadeiras e desportos,

Esses argumentos que se contrapunham à participação feminina no futebol foram construídos através de preconceitos e estereótipos, formulados com base no pensamento patriarcal.

2. Ver, por exemplo, a proposta de educação física elaborada para os Ginásios públicos do Estado do Rio de Janeiro em 1994 (RIO DE JANEIRO, 1994)

como o próprio futebol, antes exclusivamente direcionadas aos meninos (CUNHA JUNIOR, 1996).

Sem dúvida, a repercussão da entrada do futebol feminino nos Jogos Olímpicos de Atlanta, colaborou para uma maior participação das mulheres no restrito *mundo masculino* do futebol. Além dos já citados efeitos sobre o acesso à prática deste esporte, foram incentivados os campeonatos regionais de futebol feminino em estados como Rio de Janeiro e São Paulo, merecendo até a transmissão ao vivo de alguns jogos por meio da televisão.

Porém, tal incremento desperta nossa atenção para uma análise acerca da forma pela qual está se dando a construção e a consolidação do futebol feminino no Brasil. Assim, questionamos: (a) O acesso das mulheres ao futebol está colaborando para a superação dos estereótipos e preconceitos historicamente atribuídos a elas?; (b) Sua entrada no mundo masculino do futebol é fruto de conquistas históricas ou é uma estratégia capitalista de abertura de mercado?

Pretendemos buscar respostas à essas indagações a partir da análise dos jornais.

Sem dúvida, a repercussão da entrada do futebol feminino nos Jogos Olímpicos de Atlanta, colaborou para uma maior participação das mulheres no restrito *mundo masculino* do futebol.

3. Apresentação e discussão dos resultados

Sem ter relação direta com os Jogos Olímpicos de Atlanta, merece ser destacada uma notícia veiculada no jornal O DIA de 17 de julho de 1996 que fazia referência a Diego Maradona e Cláudio Caniggia que comemoraram com um beijo, aparentemente dado na boca, o segundo gol da vitória do Boca Junior sobre o River Plate. Ao ser convidado para comentar o assunto, Renato Gaúcho afirmava que o fato nunca aconteceria no Fluminense, pois, segundo ele, "lá só tem macho" (p.14).

A notícia serve como exemplo para afirmar que o futebol apareceu nos jornais analisados quase que como um sinônimo de masculinidade, onde não sobra espaço para pessoas com *atitudes desviantes*. A homossexualidade não têm vez no futebol, sendo utilizados como ofensa aos jogadores questionamentos e alusões à sua sexualidade. O próprio preparador físico da seleção masculina de futebol, Luiz Carlos Prima, ao comentar o fracasso da equipe, afirmou "não tem homem ali. Faltou c... à seleção". Impublicável. (MORAES, 1996, p.4). A designação de inferioridade não é apenas construída com atribuições de homossexualidade aos jogadores, mas também com analogias preconceituosas a práticas culturais femininas. Por exemplo, o jornal O DIA aponta como um dos fatores determinantes da derrota no primeiro jogo da seleção brasileira masculina de futebol, o fato de que esta "entrou de salto alto" (22 de julho de 1996, p.1). O JORNAL DO BRASIL de 27 de julho de 1996 (p.7) empregou a mesma expressão com conotação sexista que associa a *frescura* e a prepotência a quem utiliza o salto alto, ou seja, à mulher.

A ligação entre futebol e masculinidade pode ser ratificada também pelo fato de que, nos jornais analisados, as notícias referentes ao futebol masculino não são adjetivadas, bastando aparecer o substantivo 'futebol'. Já no caso do futebol feminino, o adjetivo sempre o acompanha. Como em 'O FUTEBOL DAS MULHERES' (GUEDES, 1996, p.22). Isto não ocorre com outros esportes como o vôlei e o basquete, que sempre são acompanhados dos respectivos adjetivos: feminino e masculino.

Os bons resultados da equipe feminina de futebol eram vistos com grande surpresa e até como algo extraordinário, já que segundo Renato Ribeiro (1996) era uma equipe com "poucas chances" (p. 18) ou mesmo para O GLOBO de 23 de julho de 1996 era considerada como "a mais fraca das equipes do Brasil na luta por medalhas" (p.10). Mesmo com

A ligação entre futebol e masculinidade pode ser ratificada também pelo fato de que, nos jornais analisados, as notícias referentes ao futebol masculino não são adjetivadas, bastando aparecer o substantivo 'futebol'.

as vitórias, a equipe era depreciada, como na análise de Bussunda: “Nosso time, a bem da verdade, parece um time de pelada. A defesa chuta para onde o nariz aponta, a goleira parece que está jogando queimado” (1996, p.7).

Nas notícias sobre o futebol feminino freqüentemente eram feitas comparações e/ou relações com a prática masculina, como se estivesse em jogo uma ‘guerra dos sexos’. O jornalista Sérgio Noronha (1996) comentando o mau resultado da seleção masculina de futebol em sua estréia, questiona: “Você sabe quem sai pior que os goleiros brasileiros? As goleiras brasileiras” (p.3). Cumpre lembrar que paralelamente à esta sofrida derrota masculina para um time considerado sem tradição e sem expressão no futebol, o Japão, houve o empate da seleção brasileira feminina com as correntes campeãs mundiais na modalidade, as norueguesas. Ademais, no jogo seguinte do futebol feminino: ‘nossas meninas vingaram a seleção de Zagalo’ (JORNAL DO BRASIL, 24 de julho de 1996, p.1). Já o jornal O DIA de 22 de julho de 1996 comenta a partida da seleção feminina de futebol, afirmando em tom pejorativo que “pretinha não é um Bebeto e a Taffarel de saia nem joga no gol” (p.7). Ou no comentário de O GLOBO (22 de julho de 1996): “ainda faltam os Bebetos, os Sávio e os Rivaldos de saia no futebol feminino do Brasil” (p.5). Também Guedes (1996b), ao afirmar que “o nível do futebol feminino continua fraco e falta um longo caminho para que esse esporte se compare ao masculino. Isso não é preconceito, apenas constatação” (p.13), não se importa com os resultados positivos das mulheres e prefere criticá-las numa comparação ao futebol masculino, eximindo-se da acusação de preconceituoso. No mesmo sentido vai Renato Maurício Prado (1996), que pergunta: “já imaginou que situação esquisita se as mulheres trouxerem medalha no futebol e os homens não?” (p.2).

O desprestígio do futebol feminino também foi retratado por Paulo Ricardo Moreira (1996, p.1) quando critica a TV Globo por deixar de transmitir jogos importantes, como os do torneio de futebol feminino. Sobre o fato, Laura de Vison afirma que “é muito estranho porque a Globo falou que estaria acompanhando todos os atletas brasileiros em Atlanta. Mas eles só estão dando valor ao futebol masculino. O esporte não é só isso. A cobertura está muito machista!” (id.). Ainda como crítica à televisão, referente agora à rede Bandeirantes, Denise Moraes (1996) destaca a descrença e o preconceito de Luciano do Valle, que ao comentar uma derrota do futebol feminino, exclamou “a mulher brasileira nunca afinou e nunca vai afinar” (p.4).

Em 28 de julho de 1996, o jornal O DIA publica uma reportagem que versa exclusivamente sobre a jogadora Pretinha, destacando sua infância e a descoberta do futebol. A partir dos depoimentos de sua mãe, de seus irmãos e de vizinhos, temos uma noção dos preconceitos e estereótipos socialmente construídos em relação à prática do futebol por meninas/mulheres. Sua mãe a proibia de jogar futebol, mas a partir da insistência dos colegas, acabava cedendo. “Antes de se consagrar como artilheira da seleção, Pretinha levou muito puxão de orelha dos irmãos e até dos vizinhos” (p.32). Talvez seu acesso à prática do futebol não tivesse ocorrido se não fosse sua semelhança física a um menino, uma vez que “só quando os seios começaram a apontar sob a camiseta suada é que os rapazes [...] descobriram que aquele ‘garoto’ driblador e de chute certo era, na verdade, uma menina” (id.). Outra reportagem sobre Pretinha (O GLOBO, 28 de julho de 1996), aborda alguns dos estereótipos atribuídos às mulheres: “quando se veste para passear, a vaidade feminina desponta no cordão com figuinha, nos brincos com pingentes em forma de coração e no anel com pedrinhas que imitam brilhantes [...] salto alto, só o do uniforme de viagem da seleção, composto ainda por uma saia e um blazer [...] não adianta os

A partir dos depoimentos de sua mãe, de seus irmãos e de vizinhos, temos uma noção dos preconceitos e estereótipos socialmente construídos em relação à prática do futebol por meninas/mulheres.

Nas notícias sobre o futebol feminino freqüentemente eram feitas comparações e/ou relações com a prática masculina, como se estivesse em jogo uma ‘guerra dos sexos’.

machistas dizerem que o futebol é para homem" (p.16). Com base nesta afirmação, pode-se supor que a jogadora de futebol é somente identificada com o gênero feminino **fora** dos campos, enquanto **dentro** destes ela é vista como um protótipo de homem.

Outra questão interessante refere-se à distribuição do poder no meio desportivo, em especial no futebolístico. Quantas mulheres fazem parte de entidades como o COI, o COB, a FIFA ou a CBF? A ex-supervisora do Vasco da Gama, bem como, a atual técnica do time, que cedeu o maior número de jogadoras para a seleção brasileira de futebol, "*reclamam de terem sido preteridas por um comando totalmente masculino*" (O GLOBO, 27 de julho de 1996, p.14). Não queremos defender a divisão sexual do desporto a nível administrativo e técnico, mas sim alertar que os cargos diretivos do futebol em sua esmagadora maioria são ocupados por homens. Será que as mulheres também não estariam também qualificadas para exercer estas funções?

O futebol feminino, ainda como um desporto em construção, preciso estar atento para como está se dando seu desenvolvimento. É preciso perceber a diferença de seriedade com que um grupo de mulheres vem conquistando espaço na área futebolística e a crescente publicidade que tem sido gerada em torno dos chamados 'times de modelos'. As exibições de jogos femininos entre agências de modelos (entre as quais: Ford, Elite etc.) tomaram impulso na esteira de Atlanta levando esta atitude a ser incorporada por clubes como o Fluminense. A partir do artigo de Marluci Martins (1996), "PÓ DE ARROZ FOOTBALL CLUB" - subtítulo: "Na carona do sucesso de Pretinha em Atlanta, Fluminense cria também sua versão feminina", podemos questionar as intenções de formação do referido time. Martins transcreve parte de uma carta do Fluminense distribuída à imprensa: "*Diz o velho ditado 'que é prá frente que se anda', e é por pensar assim que o Fluminense Foot-*

ball Club resolveu investir fundo no tão falado 'sexo frágil'. Como todos sabem a mulher foi criada para embelezar, para dar um toque especial em tudo que toca e é por isso que o clube tricolor resolveu criar um time de futebol feminino. Mas para jogar neste time, não basta ser mulher, tem que ser inteligente, bonita, simpática, formosa, enfim, cheia de charme" (p.20). Arriscamo-nos a afirmar que esta iniciativa está muito distante de ser um legítimo incentivo ao futebol feminino. Parece-nos mais provável que times como estes são formados ainda dentro de uma perspectiva sexista, baseados em preconceitos e estereótipos relativos à imagem da mulher, transformando o jogo de futebol feminino em espetáculo de exibição estética com vistas ao deleite dos olhos masculinos.

Há uma verdadeira contradição se analisarmos as concepções que baseiam a construção de times de futebol feminino como o Fluminense. Assim, ao mesmo tempo que os critérios utilizados para a seleção das jogadoras restringem-se a características 'essencialmente femininas', tais como beleza, simpatia, formosura e sensualidade, as mulheres ainda devem se ajustar às 'exigências masculinas' do futebol, como força, velocidade, resistência, combatividade e espírito de luta. Assim, como transcreve Martins (*id.*), "*as cinderelas trocam o sapatinho de cristal por chuteiras e entram em campo para dar carrinho, rolar na grama e provar que as belas também são feras. Elas estão roendo o esmalte das unhas, se descabelando e vivendo dias de tensão. O primeiro mandamento do time: ser bonitinha. Quase todas são modelos, esbeltas e charmosas. O segundo mandamento: não basta ser bonitinha, é preciso ser 'macho' para agüentar a carga dos treinos*".

Por fim, a análise dos jornais nos levou refletir sobre a conquista de maior visibilidade que vem adquirindo o futebol feminino. Assim, salientamos que para além das conquistas históricas que as mulheres vêm alcançando no

Há uma verdadeira contradição se analisarmos as concepções que baseiam a construção de times de futebol feminino como o Fluminense.

Quantas mulheres fazem parte de entidades como o COI, o COB, a FIFA ou a CBF?

sentido de transformar a estrutura do pensamento sexista que aflige nossa sociedade, existe a expectativa de que a adesão das mulheres a este desporto represente um grande incremento na indústria futebolística. Assim, como salienta Márcio Guedes (1996c), noticiando as intenções da CBF para com este desporto, "a campanha no Brasil terá o objetivo de acabar com o preconceito, mostrar os benefícios para a mente e para a saúde de praticar o esporte número 1 do país e, de quebra, agitar o mercado publicitário, que poderá gerar empregos com faturamento alto para todos os envolvidos. O futebol feminino é uma mina de ouro" (p.15).

Convidamos a todos/as a refletir sobre a questão: o incremento do futebol feminino é uma conquista das mulheres ou uma concessão dos homens à lógica do capital?

4. Prorrogação

Nosso assunto não se encerra no 'tempo normal'. Apesar de constataremos vários exemplos de estereótipos e preconceitos atribuídos às mulheres atletas praticantes de futebol durante os Jogos Olímpicos de Atlanta, mais interessante foi perceber as tentativas de resistência e luta pela superação desta situação.

Neste sentido, salientamos a responsabilidade que as pessoas direta ou indiretamente ligadas ao futebol devem assumir no sentido de colaborar para a superação do sexismo neste desporto que é o símbolo de nossa brasilidade (TOSCANO, *op. cit.*). Professores/as de educação física, técnicos/as, sociólogos/as do desporto, jornalistas, radialistas e jogadores/as devem estar atentos à constatação de José Duarte: "a discriminação é grande no nosso país" (JORNAL DO BRASIL, 1996, p.1); e comprometidos/as com a solicitação de Pretinha: "É preciso que se acabe com o preconceito" (O GLOBO, 25 de julho, p.2).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BUSSUNDA, Gustavo, Aurélio, Oscar e Pretinha... O DIA, 23 jul 1996, Esportes, p.7.
- CUNHA JUNIOR, Carlos Fernando Ferreira da. Jogos, brinquedos e brincadeiras: Investigando relações de gênero na experiência de crianças do Colégio Pedro II. *Motrivivência*, Florianópolis, ano VIII, n.9, dezembro, p.236-245, 1996.
- FARIA JÚNIOR, Alfredo Gomes de. *Implicações das ideologias raciais no desporto e na educação física*. Rio de Janeiro: UERJ, 1990 (mimeo.).
- FARIA JÚNIOR, Alfredo Gomes de. A mulher idosa e as atividades físicas sob o enfoque multicultural. In: ROMERO, Elaine (ed.). *Mulheres em movimento*. Rio de Janeiro: Sprint, 1995.
- FARIA JÚNIOR, Alfredo Gomes de. Futebol, questões de gênero e co-educação. In: MURAD, Maurício *et. al.* *Pesquisa de Campo*. Futebol e Cultura Brasileira, Rio de Janeiro, UERJ, Núcleo de Sociologia do Futebol - Departamento Cultural/SR-3, p.17-39, 1995.
- GUEDES, Márcio. *O futebol das mulheres*. O DIA, 25 jul 1996, Esportes, Contra-Ataque, p.22.
- GUEDES, Márcio. *Meninas vingam os meninos*. O DIA, 24 jul 1996b, Esportes, Contra-Ataque, p.13.
- GUEDES, Márcio. *Contra-Ataque*. O DIA, 30 jul 1996c, Esportes, p.15.
- JORNAL DO BRASIL. *Mulheres vingam seleção de Zagalo*. 24 jul 1996, Caderno Principal, p.1.
- JORNAL DO BRASIL. *Alerta contra o 'salto alto'*. 27 jul 1996, Esportes, p.7.
- LENSKYJ, H. J. *Women, sport and physical activity: Selected research themes*. Gloucester: Sport Information Resource Center for Sport Canada, 1994.
- MARTINS, Marluci. *Pó de arroz Football Club*. O DIA, 10 ago 1996, Esportes, p.20.
- MORAES, Denise. *Derrota e briga inflamam narradores*. Jornal do Brasil, 03 ago 1996, Esportes, p.4.
- MOREIRA, Paulo Ricardo. *Por fora da Olimpíada: O que você deixou de ver na tela da Globo*. O DIA, 27 jul 1996, Televisão, p.1.
- NORONHA, Sérgio. *Amargo despertar*. Jornal do Brasil, 22 jul 1996, Esportes, p.3.

Apesar de constataremos vários exemplos de estereótipos e preconceitos atribuídos às mulheres atletas praticantes de futebol durante os Jogos Olímpicos de Atlanta, mais interessante foi perceber as tentativas de resistência e luta pela superação desta situação.

- O DIA. *Isso é coisa de maricón?*. 17 jul 1996, Esportes, p.14.
- O DIA. *Vexame*. 22 jul 1996, Caderno Principal, p.1.
- O DIA. *Um empate animador*. 22 jul 1996, Esportes, p.7.
- O DIA. *Essa Pretinha bate um bolão*. 28 jul 1996, Esportes, p.32.
- O GLOBO. *Pretinha faz dois gols e se destaca no empate do Brasil com a Noruega*. 22 jul 1996, Esportes, p.5.
- O GLOBO. *Mulheres prometem derrotar o Japão hoje para vingar o vexame do time de Zagallo*. 23 jul 1996, Esportes, p.10.
- O GLOBO. *Brasil de saias precisa apenas de um empate para ir às finais*. 25 jul 1996, Esportes, p.2.
- O GLOBO. *Brasil descobre agora suas craques*. 27 jul 1996, Esportes, p.14.
- O GLOBO. *Brasil de Pretinha enfrenta a China*. 28 jul 1996, Esportes, p.16.
- PRADO, Renato Maurício. *Rosa-Choque*. O GLOBO, 25 jul 1996, Esportes, p.2.
- RIBEIRO, Renato. *Caçadores de medalhas: Os brasileiros em Atlanta*. O DIA, 18 jul 1996, Esportes, p.18.
- RIO DE JANEIRO, Governo do Estado do. *Ginásios Públicos - Diretrizes Gerais - Educação Física - Separata*. Rio de Janeiro: Secretaria Extraordinária de Programas Especiais, 1994.
- ROMERO, Elaine. *Diferenças entre meninos e meninas quanto aos estereótipos: contribuição para uma política de desmistificação*. *Revista do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte*, Maringá, v.14, n.1, p.24-28, 1992.
- SCOTT, Joan. *Gênero: Uma categoria útil da análise histórica. Educação e realidade*. V. 20, n.º 2, julho/dezembro, 1995.
- SORJ, Bila. *O feminismo na encruzilhada da modernidade e pós-modernidade*. In: COSTA, Albertina de O., BRUSCHINI, Cristina. *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosas dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.
- TOSCANO, Moema. *A educação diferenciada no jogo, no esporte e na educação física*. In: ALVAREZ, Léa Perez, TAULOIS, Maria Rita. *Mulher: Educação sem preconceito*. Rio de Janeiro: CEDIM, 1991.

SBD/FFLCH/USP	
SEÇÃO DE <i>Filo. / C. Sociais</i>	
AQUISIÇÃO <i>1</i>	DATA <i>06/11/98</i>